

Posições fundamentais do comunismo de conselhos, uma contribuição

Tradução: José Carlos Mendonça

REFERÊNCIA:

FERRERO, Roi. **Las posiciones fundamentales del comunismo de consejos, una aportación.** In: **Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques.** Disponível em: www.geocities.com/cica_web. Acesso em: 12 ago 2006.

1. O comunismo de conselhos considera que o proletariado se desenvolve como sujeito revolucionário por meio da luta de classes e, mais especificamente, por meio da implementação de sua autoatividade consciente. É o antagonismo prático com a sociedade existente em todas as suas formas, principalmente contra o capital e o Estado como seu representante geral, que move o proletariado a despertar suas capacidades subjetivas. E, na medida em que esse antagonismo tende a se agudizar com o declínio do modo de produção capitalista (por causa de seus limites inerentes), estas capacidades subjetivas não só tendem a se desenvolver mais e a fazê-lo mais massivamente - impulsionadas pela intensificação da luta de classes -, mas também tendem a desenvolver a consciência proletária em um sentido comunistarrevolucionário.

2. Isto significa que o desenvolvimento do proletariado como classe revolucionária requer uma forma de atividade individual e coletiva que tem por base uma unidade dialética e livre entre espontaneidade e organização, pensamento e ação, desenvolvimento das capacidades subjetivas em nível individual e coletivo. Somente deste modo o movimento proletário adquire um caráter revolucionário: como movimento de autolibertação da classe, tanto material quanto mental. Isso exige a criação de novas relações sociais no próprio movimento proletário, que se concretizam no surgimento de novas formas de organização que unificam luta revolucionária e libertação das capacidades subjetivas.

3. Efetivamente é o proletariado que desenvolve todos esses aspectos de seu movimento social, movido pelas necessidades concretas da vida e alcançando, impulsionado por essas mesmas necessidades, a compreensão racional do mundo e de sua transformação (particularmente alcançando a compreensão das condições e princípios de sua autonomia de classe, ou seja, da implementação e estruturação de sua autoatividade revolucionária). Contrariamente a isso, todas as forças da sociedade capitalista se dedicam ao trabalho de deter essa tendência à autonomia e fazer @s proletári@s retornarem a seu estado de seres inertes, inconscientes e manipuláveis, mercadorias para a produção de capital e a reprodução do capitalismo como um todo. Todas as forças que atacam a unidade dialética da práxis proletária (vide tese 2), seja bloqueando seu desenvolvimento, seja tentando fragmentá-la para desvirtuar seus elementos, são forças contrarrevolucionárias.

As forças do segundo tipo são as mais perigosas, pois podem mais facilmente se apresentarem como representantes do proletariado do que as primeiras. Sua tática não consiste em negar unilateralmente as iniciativas da classe, mas em desviá-las para transformá-las em uma força controlada. Para isso destroem a tendência espontânea à unidade coletiva da práxis, utilizando a hierarquização e a divisão do trabalho na organização da luta e do movimento proletários. Esta é a regra geral de sindicatos e partidos de esquerda quando ainda não se tornaram pura e simplesmente lacaios do capital e do Estado. A verdadeira luta de classe revolucionária, isto é, o autodesenvolvimento do proletariado como sujeito revolucionário, só é possível fora e contra o enquadramento sindical e partidário.

4. O único modo de vencer essas forças contrarrevolucionárias é, por um lado, agrupar @s proletári@s em torno dos princípios revolucionários, para difundí-los, desenvolvê-los e aplicá-los na luta de classes e assim impulsionar o autodesenvolvimento do conjunto da classe. Este é o lado teórico. O lado prático é que estes princípios não tem de se limitar a esclarecer problemas do desenvolvimento pleno e integral da autonomia d@s trabalhadores/as (em particular o problemas das formas de organização), mas que tem formar-se na própria luta e adotar uma formulação eminentemente prática e concreta, ou seja, propaganda por uma orientação antagonista das reivindicações proletárias e pela criação de formas estáveis de poder proletário que façam frente de modo direto e mais ou menos aberto ao poder patronal e estatal.

O desenvolvimento dessa tática, aqui expressa em termos muito gerais, nada mais é que o devir revolucionário da luta proletária e só pode se expressar praticamente, e chegar a ter uma dimensão

massiva, na forma de um ascenso generalizado do proletariado que desafie a dominação capitalista e crie uma situação revolucionária.

5. O bolchevismo e as demais correntes pseudorevolucionárias são o último muro do capitalismo. No melhor dos casos, poderiam servir para desviar temporariamente a luta proletária de seus verdadeiros objetivos, e, no pior, para destruí-la afundando-a em uma sucessão de derrotas sem saída e entregando-a nos braços das ideologias burguesas (situação atual na maioria dos países). O conteúdo dessas tendências é a mistificação da emancipação do proletariado e do modo prático de realizá-la. Assim, se caracterizam primeiramente pela oposição na prática aos princípios gerais contidos nas teses anteriores. A segunda característica é possuírem um caráter teórico ideológico, isto é, dogmático e rígido, ao invés de um caráter científico e sempre aberto para pesquisar a práxis histórica do proletariado. Em poucas palavras, seu traço definidor está em que não buscam compreender nem realizar as formas pelas quais o proletariado pode, por meio da cooperação e da luta, implementar sua autoatividade plena.

Entre tais correntes se encontra a maior parte do anarquismo, embora o anarquismo proletário - originado historicamente com Bakunin e a ala anarquista da I Internacional - somente se encontre entre estas por seu subdesenvolvimento e deformação histórica, enquanto que, por outro lado, o bolchevismo nada mais é que a deformação radical e total do marxismo original.

6. Os comunistas de conselhos não possuem nenhum dogma com o qual desejassem moldar o movimento proletário. Defendem o livre desenvolvimento desse movimento, convencidos de que será o curso histórico e a maturação por meio da experiência prática que fará com que o proletariado desenvolva sua consciência revolucionária. Não pretendem desenvolver esta consciência pelos trabalhadores/as, apenas difundem suas contribuições para ajudar a classe a fazê-lo por si mesma, e, para tanto, o mais importante é o desenvolvimento das próprias capacidades dos proletários e sua vontade ativa.

É o movimento que, com sua ação prática e esforço mental, produz sua própria consciência. A teoria revolucionária é somente a forma intelectual em que se sintetizou essa ação histórica e sua função consiste em ser um meio para acelerar e expandir o desenvolvimento da consciência comunista em nível de massas, tanto via discussão e formação teóricas quanto via sua aplicação direta ao desenvolvimento prático da luta de classes. Obviamente, neste último sentido a teoria é também um guia para a ação como toda forma de consciência unida conscientemente à prática.

7. O que é o comunismo de conselhos? Suas ideias gerais encontram-se fartamente expostas em seus textos clássicos, a exemplo de “Os Conselhos Operários” de Anton Pannekoek e muitos outros. Mas o que realmente importa não é a sua semelhança ou diferença, em termos de ideias abstratas e gerais, com outras formas de pensamento que também se dizem revolucionárias. O que importa é entender sua concepção de fundo, ou seja, sua forma de pensamento e concepção histórico-materialista da práxis. Então se entenderá porque o comunismo de conselhos nada mais é que a forma mais avançada até agora do pensamento revolucionário do proletariado e, portanto, capaz de integrar todos os desenvolvimentos positivos por ele alcançados independentemente de sua origem ou vínculos doutrinários.

Por outro lado, para os proletários conscientes o determinante no momento de escolher entre uma ou outra corrente de pensamento como base para o desenvolvimento de suas próprias consciências e ações, depende na realidade da experiência prática e das aspirações práticas socialmente determinadas. Por isso, os comunistas de conselhos não se dedicam à discussão escolástica e doutrinária, tipicamente anarquista, se “marxismo ou anarquismo”, nem se dedicam a tentar reorientar os leninistas mostrando-lhes suas incoerências em nome da adesão comum ao “marxismo”. Em qualquer caso, aqueles que não estejam satisfeitos com a práxis das correntes de pensamento político existentes, provavelmente encontrem no comunismo de conselhos uma forma mais de acordo com suas aspirações e um novo ponto de partida. Queremos desenvolver o pensamento revolucionário vivo, este é o significado para nós de nos chamarmos “comunistas de conselhos”, retomando o legado dos conselhistas anteriores.

Roi Ferrero, 19.07.2005.